

Três momentos de poesia

2/6/38. De EVARISTO DE MORAES FILHO

(Especial para DOM CASMURRO)

O título não é meu. É de Augusto de Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Pentagna. São autores de um livro de poesia que sairá breve, com aquele título, e editado por uma grande livraria da Rua do Ouvidor.

O título está justo. São, de fato, três momentos de poesia bem diversos. Não ha unidade entre os seus poemas. Unidade no sentido de inspiração, de medida, de motivo poético. São temperamentos diferentes, são naturezas desiguais. Mas tudo isso não importa em comparações, em confrontos desnecessários, uma vez que o livro é um só e que a maior unidade é a da própria poesia. Fazemos de conta que o autor também é um só, com tres pseudônimos diferentes em três momentos diferentes da sua poesia. É muito comum a falta de unidade em uma coletânea de versos, embora seu autor seja realmente um só. Basta para tanto que suas produções sejam de épocas diversas. Haja vista todas as antologias de poemas escolhidos. O exemplo mais frisante que se pôde apresentar entre nós é o das "Poesias escolhidas", de Manuel Bandeira. Neste, pela sua adesão ao modernismo, ainda mais se resalta a diferença nos seus motivos poéticos. E o poeta foi um só, com a mesma vida dolorosa e magra, com a mesma missina dôr constante e triste. Isso porque a poesia é uma especie de grito ingênuo, natural, espontaneo. Acusa os minimos instantes diferentes da vida. Entre a vida e o poeta não se collocam intermediarios, não se precisa de interpretes. A linguagem da vida e da poesia é uma só. O poeta é seu interprete direto. Um doente e um são, um triste e um alegre podem fazer a mesma obra de filosofia, de ciencia, de tudo que seja teorico, objetivo, abstrato. Mas não podem crear a mesma obra poetica. Só se fossem genios ou grandes hipócritas, e ainda assim com genio. Como a filosofia, a poesia também é uma concepção da vida e do mundo. Uma concepção mais natural, mais direta, mais pura. Na filosofia, o homem pensa, raciocina, interpreta, explica, conclue. Na poesia, o poeta diz somente o que sente, se é triste ou alegre, belo ou feio, etc. Tanto a filosofia como a poesia são janelas que se abrem para todos os mundos, interiores ou exteriores, e nas quais o homem se debruça para contemplá-los. Mas suas atitudes são diferentes. O filosofo prefere ficar separado da vida e ouvi-la á distancia. Precisa de tempo para julgá-la. Precisa seleccionar o material para seu sistema. O poeta deixa-se ficar na janela para vêr, ouvir e sentir a vida límpida e diretamente. Ele não tem sistema, não tem normas de pensar. Não se importa com verdades ou men-

ará como seus delirios surrealistas. Só ficarão na memoria dos homens os que souberem interpretar o verdadeiro sentido da vida, só os que protestaram por um mundo melhor.

"Litania perdida" é o título da parte de Augusto de Almeida Filho. É o mais poetico dos três momentos. Ha mais melancolia, mais ritmo musical em seus versos. A emoção que suscita é mais profunda e mais comovente. Dos três, eu só conheço pessoalmente o Augusto. Por isso, peço desculpas aos outros dois por estudar aqui somente a "Litania perdida". Com a publicação do livro farei um estudo de conjunto sobre "Inquietação dos sentidos" e "Dansa das imagens".

Conheço o Augusto, e sei do seu desespero e da sua luta. Sei que ele viveu dias de revolta e de fome, de miseria e de desamparo. Muitas noites, ele não teve onde dormir. Vagou pela cidade, pelas ruas vazias e viu os mendigos que dormem ao relento, viu os homens que não têm casa. Sentia-se desconhecido por toda parte, sentia-se só no meio de uma cidade com dois milhões de outros seres humanos. Nesses momentos, ele sofria e meditava na sua dôr. Deu-se a descoberta: a dôr não era só dele! Muitos outros também sofriam como ele. Ea sua lira tornou-se mais sensível, mais humana, mais triste. Se a poesia é sofrimento, viva o sofrimento! O poeta jurou, sobre a sua própria dôr, de clamar também pela angustia dos outros. A poesia escrita depois não é a mesma escrita antes. Depois, ela está mais purificada, mais engrandecida, mais agúda. Por isso, por esse sofrimento solitario, parece haver muito subjetivismo na poesia de Augusto. Mas é puro engano. Ha eu, sem dúvida, mas eu só não significa egoismo. Porque Augusto sabe que eu, no seu caso, é nós. Atrás do eu estão todos os que sofrem, todos os que ele encontrou nos seus dias e nas suas noites de miseria, todos os que viveram a mesma vida que ele. O poeta, mais do que ninguém, é de natureza subjetiva, por isso que ele é poeta. Custa-lhe muito conseguir ausentar-se da sua criação poetica, porque com a sua poesia foi um pedaço dele mesmo, foi um ideal da sua vida. E esta ausencia completa não seria a morte da própria poesia? O poeta só deve se ausentar para dar lugar a uma dôr maior. É a sublimação da sua dôr.

Poderíamos caracterizar a poesia de Augusto em cinco palavras: melancolia, pessimismo, saudade, revolta e purificação. Ele vê o mundo através

Atitudes são diferentes. O filósofo prefere ficar separado da vida e ouvi-la à distancia. Precisa de tempo para julgá-la. Precisa selecionar o material para seu sistema. O poeta deixa-se ficar na janela para vêr, ouvir e sentir a vida límpida e diretamente. Ele não tem sistema, não tem normas de pensar. Não se importa com verdades ou mentiras de teoria do conhecimento. Não o interessam conceitos de ordem geral, de validades universais. Sua poesia foi um instante realmente vivido, por isso ela foi escrita. Ele procura ser sincero, com seu próprio mundo e com o mundo dos outros. Só a vida lhe importa. Ele não a pôde trair. O poeta está para a vida como os tentáculos sensitivos do caramujo para seu corpo: vão na frente. O dia em que eles o enganarem, o caramujo deixará de viver. Ele estava confiante e foi colhido de surpresa. O papel do poeta na sociedade é o mesmo, é de precursor e de polarizador. Ele polariza a dôr dos outros. Sofre por eles, redime-os pelo sofrimento. Quando uma sociedade é feliz e alegre, os seus poetas o são igualmente. Como ela é, assim o são os seus poetas. Pelo menos, os poetas que não procuram desvirtuar sua verdadeira mensagem poética com raciocínios previos, com "arrière-pensées" de conveniencia. A poesia deve surgir pela força da sua própria inspiração. Espontânea, profunda, emocional. Sua linguagem é a dos simbolos, a dos sonhos. Explôde inevitavel. Não tem valôres, nem limites. Mas isso não quer dizer que a poesia seja completamente ilógica, irracional, inconciente. Sem significado, nem sentido como quer Gilberto Amado, interpretando Goethe. Os adeptos desta concepção de poesia acham que se a pena do poeta enlouqueceu, ao mesmo tempo que sua cabeça, é um merito para sua poesia. Como são raros os poetas que podem transformar seus poemas em prosa sem tirar-lhes o sentido! "Traduzir os poemas em prosa é encontrar a bela em carne e osso, e desposá-la", disse-o Mencken nos seus celebres "Préjudices". Isto não significa que se confunda prosa e poesia. Significa sómente que um conjunto de palavras enfileiradas, de rimas sonoras, de metáforas sutis não é poesia. Poesia é tudo isso e mais alguma coisa. Poesia é sensibilidade, emoção, é inspiração, mas com um sentido intrinseco. Senão o poeta pas-

esta ausência completa não seria a morte da propria poesia? O poeta só deve se ausentar para dar lugar a uma dôr maior. E' a sublimação da sua dôr.

Podémos caracterizar a poesia de Augusto em cinco palavras: melancolia, pessimismo, saudade, revolta e purificação. Ele vê o mundo através de um nevoeiro, de uma cerração, sinistra como a morte e penetrante como os punhais dos assassinos. Sua tristeza não vem da chuva, da garôa, do "fog". E' mais cruel, mais negra. Como se pôde ser otimista, se ainda existe dôr no mundo? Ele sofreu muito; por isso, como o poeta de Sergio Milliet, pede perdão, mas tem o direito de ver a dôr dos outros através da sua:

Olhando a alma humana desgraçada,
Debruçado sobre minhas proprias
[dôres.

Mas ele sabe, tem certeza que ha outras dôres, sem ser a dele. Outras angustias, outros sonhos mortos, outros estômagos vazios:

Eu ouço o grito dos peitos oprimidos
Eu ouço a angustia dos coraçôcs
[maguados
Eu sinto a dôr dos estomagos parados
Eu sinto a dôr das dôres coletivas.

Por haver sófrimento no mundo é que o poeta se sente um revoltado. Como Victor Hugo jovem, ele também sente soprar um vento de revolta. Talvez que esse vento, feito furacão, carregue com todas as dôres do mundo. E a sua revolta cresce, transborda, vira poesia:

E vejo as minhas forças renascermem
Em meu sangue revoltado.

Ou então:

E sinto a nostalgia de viver
Num mundo de egoismos satisfeitos.

Augusto não quer a dôr, nem para ele nem para os outros. A sua revolta é para expulsar a dôr da vida. Tempo virá em que já não fará mais sofrer. Se é utopia, esta utopia é dele, é do poeta. Ele quer ser feliz e exilar a dôr:

Tedio abandona a minha alma
Eu quero ser feliz

Eu quero viver dentro de um sonho
A vida que ainda não vivi.

Ou então:

Loucura que quer o exílio da dôr
Para a alegria dos que sofrem.

O motivo volta:

Nada resistirá a fatalidade do bem
O odio e a dôr irão para o exílio.

Mas, antes que a dôr seja exilada e o futuro seja mais alegre que o presente, Augusto tem saudades do passado. O passado da sua infancia, da sua preta velha do Maranhão, da sua Nhá Chica, da pamonha quentinha, do muricí com assucar, do arroz de cuxá. A grande sociedade podia ter sido a mesma, mas o poeta não o foi. Ele era criança e via um mundo diferente. Não via a vida com o mesmo olhar descrente de hoje, com o mesmo conhecimento triste dos sofrimentos alheios. Por isso, enquanto espera o futuro, ele povôa o seu presente com imagens da sua infancia. Augusto tem esperança no futuro social e saudade do seu passado individual. E' muito comum encontrar na sua poesia expressões como estas: "olhos pregados no porvir da humanidade", "encontrará a realidade da vida dentro da paz universal"; "tempos se foram", "nas terras longinhas da minha infancia", "eu me lembro". S. Luiz enche dois poemas do nosso poeta, com sua Ponta d'Areia, com seus velhos canhões, suas fortalezas, seu Convento do Carmo. E o poeta tem saudades! Saudade do seu genipapei-

ro, saudade de tudo. Saudade triste que embala, que traz lágrimas aos olhos, mas que também faz poesia:

Velho genipapeiro de tronco forte,
Tempos se foram
Em que comia os teus frutos morenos
Brincando com areia e folha seca
Na sombra dos teus galhos.

Sua ultima poesia — *Sextilha* — é especialmente sobre a saudade:

Saudade,
Gotas de sangue no silencio escuro.

Outro grande traço da poesia de Augusto, e que o diferencia dos seus companheiros de livro, é a sua sensualidade em luta com o seu desejo de purificação. Augusto não é um sensual no sentido depravado, hedonista da palavra. Ele vê no amor um pouco mais que o sexo satisfeito. E' isso e mais um ideal elevado de consolo e de compreensão. Ele também conhece o "itinerario do pecado", mas quer um amor mais duradouro e mais puro. Ha, sem dúvida, poemas de completo sensualismo, de sensualismo forte, mas como fase prévia da sua purificação, da sua contrição:

Tenho fome de amor e estou farto de
[pecado]
Quero os sonhos inocentes pairando
[nos meus olhos]
Quero a essencia do nada velando as
[nossa vidas]

Ou então:

Foi naquela hora de prece, de recolhimento e de amor

Que senti o meu coração vazio de
[tristezas]
E puro como a hostia simbolica do
[Senhor].

Em todos os seus versos ha um sentimento constante: a tristeza, o desencanto, que vive com o poeta como sua irmã siameza. O pessimismo é o substratum de toda sua poesia, está presente, em tudo, é o ar que ele respira, é a vida que ele vive. Que adianta mudar, iludir-se, fingir-se feliz, se o planeta ainda é o mesmo?

A dôr não é dele, é do proprio mundo:

O mundo é um gesto apagado rolando
[no espaço]

A vida é um pedaço de mundo en-
[charcado de dôr]

O homem é um punhado de dôr apri-
[sionado na vida].